

Projeto: Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória

Instituição responsável: Nota Musical Comunicação

www.quilombosdojequitinhonha.com.br

Entrevistada: Geni Carvalho Soares

Comunidade Água Suja, município de Chapada do Norte, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais

Abril, 2014

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte, conforme segue, e que não seja para venda ou qualquer fim comercial:

FOGAÇA, Sérgio; SYDOW, Evanize. *Com a palavra, a Rainha do Congado* – Entrevista de Geni Carvalho Soares. *Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória*. São Paulo, Nota Musical Comunicação, 2017

Com a palavra, a Rainha do Congado

Rainha do congado em Chapada do Norte, Geni Carvalho Soares tem relatos bem sentimentais de toda a sua trajetória. Assumiu o cargo depois do falecimento da rainha anterior e desenvolve com brilho e responsabilidade o novo posto. Relembra com angústia histórias do tempo de seu tataravô, passadas de geração para geração, que relatam o sofrimento do tempo dos escravos, que eram amarrados e humilhados. Mas transmuta em alegria dizendo: “hoje nós temos esse prazer imenso de ter a liberdade”. Em suas lembranças também está a comida feita no pilão; o tear da mãe e o engenho onde o pai fazia rapadura.

Sou nascida e criada na comunidade de Água Suja. Hoje eu habito em Chapada do Norte. Eu sou a rainha do congado, assumi o lugar de Eva de Souza. Assim que nós a perdemos fizemos uma votação e votaram em mim. O congado tinha ficado com oito pessoas, hoje estamos com 43 pessoas. Graças a Deus, nós temos bastante jovens no congado e estamos indo muito bem.

Você é bisneta, tataraneta de escravos, qual é a história da sua família?

Sou tataraneta de escravos.

Seus tataravós eram escravos?

Sim, meus tataravós.

Você pode contar um pouquinho a história da sua família?

Posso contar o que meu pai contava. Eles trabalhavam na roça e naquele tempo tinha a Maromba. Quando chegava de tarde, às vezes, achavam uma flor com o nome de parreira. Quando eles achavam essa flor ficavam alegres e tinha dança de noite. Como eu era dona da roda da lavoura, eles me avisavam que teria dança em casa. De tarde, eles iam com um pé de milho enfeitado com dinheiro e com uma garrafa, já que nosso congado tem uma garrafa de água ou bebida e dançamos com ela na cabeça. Aí iam

duas crianças na frente e outras pessoas atrás. Nós comíamos, bebíamos e dançávamos a noite toda.

Essa é a Maromba?

Essa é a Maromba, que se tornou congado hoje. Ele começou na roça e hoje está na cidade.

Qual a diferença da Maromba para o congado, em que momento ele se transforma em congado?

É porque a Maromba era ligada ao trabalho e o congado a gente sai para se divertir. A gente canta, a gente dança e, às vezes, se precisar, a gente chora também, porque tem os momentos difíceis. Mexer com o povo não é fácil, mas está tudo bem.

Você conhece um pouco da história da dona Eva, que antes era a rainha do congado, para contar?

Sim. A dona Eva era minha comadre. Quando ela brincava o congado eu estava sempre do lado dela. E era assim, ela podia estar doente ou qualquer outra coisa, mas se dissesse para ir no congado, ela não tinha doença que segurasse. Ela levantava, pegava a bandeira e o figurino dela, e ia. Então, quando adoeceu, que foi para morrer, ela me pediu, dizendo assim: “ô comadre, quando Deus me chamar eu queria que você me receba com o figurino”. E eu até pensei que não era verdade, não queria acreditar, mas aconteceu.

Quando ela morreu nós recebemos com o figurino conforme pediu. Eu fui falar com o pessoal da irmandade para deixar colocar ela aqui na igreja, e eles deixaram, foram muito gentis conosco. E aí, num prazo de uns 15 dias, eles fizeram, junto com o tesoureiro, uma reunião com a turma sobre se a gente ia parar com o congado ou ia seguir. As minhas amigas de trabalho pediram para fazer a votação e votaram em mim. Hoje estou assumindo o lugar dela, não pode deixar a cultura acabar. Eu não esperava estar nesse lugar desse jeito, esperava entrar de outra forma, mas se Deus quis assim, assim será.

Qual o papel da rainha do congado?

A rainha do congado tem a responsabilidade pelas companheiras, pelas dançarinas. Quando tem uma viagem para fazer eu vou atrás das meninas para avisar. Vou atrás da Fabiane para conseguir o veículo. Assumo também as crianças. Repararem que tem sempre um tanto de crianças e a responsabilidade é toda minha, que muitas vezes viajam sem a mãe.

Você pode descrever um pouco o que é essa manifestação cultural de vocês para quem é de fora e não conhece?

Quando chamam, a gente vai, como aqui mesmo quando tem a Festa de Nossa Senhora do Rosário. Inclusive quando a gente entra no veículo para viajar eu costumo rezar. Porque eu via a comadre fazer, e eu estou tentando seguir o caminho dela. Mas, quando a gente chega, começa a cantar assim. “Senhora do Rosário, sua casa cheia / Senhora do Rosário, sua casa cheia / É de cravo e rosa, olelê, flor da laranjeira / É de cravo e rosa, olelê, flor da laranjeira”. Nós começamos assim e assim vai. Tem mais músicas que a gente canta, nós brincamos, nos divertimos, gostamos da cultura. A gente não tem vergonha de falar, e onde precisa nós vamos, e no percurso nós somos amigos de todos.

Vocês são quilombolas, o que isso representa para vocês? Principalmente nesse lugar, onde a cultura quilombola é tão forte, quando vocês olham para fora o que vocês sentem?

Graças a Deus nos sentimos honrados. Eu me sinto honrada. Anos atrás meu pai falava que nós não tínhamos valor, nós não éramos conhecidos, nós não comíamos na mesma mesa. Mas hoje, graças a Deus, em todos os lugares que nós vamos somos muito bem recebidos. As pessoas nos tratam bem e nós temos um prazer imenso de estar com todos.

Em relação à religiosidade de vocês, do que tinha antes e do que tem agora: você acha que isso também foi preservado, desde lá, dos tempos de seus tataravôs?

Não. O meu tataravô conta que eles sofriam muito, eles eram amarrados, batidos, eram cuspidos. Não comiam a comida que os outros comiam. Eles viviam “lavando” areia no rio, caçando ouro, e quando eles achavam eles comiam, quando não achavam passavam fome. E hoje nós temos esse prazer imenso de ter essa liberdade.

E a religião, qual a religião de vocês?

Católica.

E é a mesma religião de seus antepassados?

Sim, sim.

E em relação à comida, mais relacionado ao dia a dia de vocês, vocês preservam essa cultura do que eles faziam antes, algum tipo de comida específica?

A gente prepara mais essas comidas de hoje, mas quando a gente sente saudade da comida antiga, daí a gente faz. A gente fazia comida no pilão, lá em casa tinha gangorra d'água, e tinha gangorra também de pé. Minha mãe tinha tear para tecer pano e meu pai tinha engenho para fazer rapadura. Hoje a gente não faz, porque o tempo não está chuvoso e não tem cana. Mas se precisar fazer qualquer uma dessas coisas que eu falei, eu faço.

Então você sabe?

Geni - Graças a Deus. Sei tecer esteira de palha de banana, fui criada dormindo na esteira. Hoje a gente está muito tranquila dormindo em bons colchões. Mas fui criada em cama de taquara, esteira de palha de banana e coberta de algodão.

Tem alguma comida da qual você tem saudade e que não faz mais por falta de alguma coisa, do pilão ou outra coisa?

Sim, por exemplo, o milho socado no pilão dá um angu mais saudável. Hoje em dia eu não faço porque a gente já compra esse fubá de armazém, não é o mesmo angu. A farinha, quando a gente fazia a farinha de mandioca ralando, era outro gosto, outro sabor. Hoje em dia a gente está comprando essas farinhas que vêm de fora. Eu mesma mudei para a cidade por causa da água, porque lá em casa não tinha água. Antes dava bastante milho. Sou mãe de sete filhos, e o que eu podia fazer num lugar sem água com esse tanto de criança? Por isso mudei para a cidade.

Nós socávamos milho no pilão para fazer bolo, a gente tratava bolo no cabo de machado. Era bolo feito de farinha de mandioca e fubá de milho socado no pilão,

juntava com os outros ingredientes e enrolava na folha de banana, colocava no fogo para assar, fica muito gostoso. Tenho saudade desse bolo, tenho saudade do angu, como já falei. A canjiquinha tirada no pilão também é muito diferente, muito gostosa. O arroz pilado, que a gente usava para fazer galinha caipira, nossa, é muito gostoso. Além de outras coisas.

Além do congado, tem outras manifestações que vocês preservam aqui nessa região, de cultura, que envolva dança, música?

Sim, nós dançamos o Caboclo¹, dançamos Roda, Forró, o Vilão.

Explica um pouco como é o Vilão?

O Vilão a gente dança ele de lenço, dando de braço com quatro, oito pessoas. (Ela canta). “Aprendi dançar vilão, aprendi dançar vilão / não foi nessa terra não, não foi nessa terra não / na terra dos alemão, na terra dos alemão / eu aprendi dançar vilão, aprendi dançar vilão”, e aí joga verso.

Que instrumentos acompanham o Vilão? Os mesmos da congada ou são diferentes?

Os mesmos da congada, pandeiro, viola, sanfona, e, no mais, a garganta.

Aqui na região, qual a demanda que vocês têm como quilombolas?

Nós estamos contestando aqui os figurinos. Porque vocês podem reparar essas meninas novas que estão aí, além da metade das outras pessoas, que também não têm figurino. Nós somos famílias que trabalham cedo para comer de tarde, e não temos condição de comprar. Às vezes as mães tiram da boca para poder comprar os figurinos. Nós estamos com essa questão, inclusive porque vem a festa do Rosário aí e precisamos disso. Eu vou ver se consigo alguma coisa na prefeitura, um pouco de dinheiro, para ver se dá para comprar o figurino para elas. São crianças em escola, não trabalham e as mães estão tudo no corte de cana, do café, para manter a casa. Muitos deles moram de aluguel. Então estou com essa questão do figurino.

¹Dança dramática ou folguedo inspirada em reminiscências ameríndias, de marcante presença na ilha de Itaparica, na Bahia, mas também com ocorrência em outras localidades do Brasil. São representados vários episódios, mas com um núcleo dramático focado no rapto de uma rainha dos caboclos pelo capitão-do-mato. Um feiticeiro descobre o paradeiro da rainha e o raptor é preso. Fonte: Enciclopédia da Música Brasileira e <http://dancasfolcloricas.blogspot.com.br/2011/03/caboclos.html>

A festa do Rosário que você fala é de junho?

No meio de outubro. A festa do mês de outubro é dos negros pretos de Chapada do Norte. A festa de São João que é no mês de junho.

Então fala para a gente sobre a festa do Rosário, como vocês organizam essa festa e o que ela tem em termos de cultura, o que ela traz?

A festa do Rosário nós começamos ela na quinta-feira, quando a gente vem aqui para a lavagem da igreja. Aí a gente vai na casa do rei, da rainha, pega os materiais, eu convido as meninas e vamos para o rio. Não sei se vocês já viram, mas ano passado a gente estava com uma demanda muito ruim sobre a água. Nós temos que pegar a água lá no rio para lavar a igreja. Ano passado, como não tinha água, eu pedi às crianças para colocar uma pedrinha na cabeça para trazer. Foi duro para gente ver o rio daquele jeito, a gente chegou lá e não tinha água, mas o pouquinho que tinha a gente trouxe para lavar a igreja da maneira que foi possível. As crianças trouxeram as pedras para colocar no cruzeiro, para pedir a Nossa Senhora do Rosário.

Então, começa quinta-feira, a gente busca a água no rio, lava a igreja, depois que termina vem o café na casa do rei e da rainha. Quando são seis horas a gente desce para a casa do rei com o congado. Quando é na sexta-feira a gente descansa um pouco, porque passou aqui o dia todo, para o dia de sábado cedo a gente ir buscar a imagem de Nossa Senhora lá no correquinho do Rosário, também com o congado, e assim vai indo. Quando é na segunda-feira, aí é o dia da bagunça, junta o congado, o tambor, a gente se perde na rua, a gente não sabe se está no congado ou no tambor. Também tem a banda de música, todo mundo junto, é aquela bagunça, encerra a festa na segunda-feira.